

O riso dos pigmeus

J. KLIER
Colaborador

Existe um ditado no mundo dos animais que diz o seguinte: quando um elefante tomba por qualquer motivo, os pequenos animais que o rodeiam, principalmente os ratos, pulam de satisfação e alegria; não porque tivessem medo do elefante, mas porque ele os suplantava em majestade, em porte e em inteligência. No mundo dos homens, que também são animais, e às vezes até mais irracionais que os próprios, acontece a mesma coisa.

Enquanto milhões de pessoas de corações abertos, norteadas pela doutrina de a amor ao próximo, choram a perda de um grande homem ou por um mal que se abateu sobre a sua família e sofrem com eles quando são humilhados e vilipendiados; milhares há que com ódio no coração e voltados para o mal, cheios de inveja, despeito e ciúmes, se rejubilam quando a fatalidade se abate sobre estes grandes homens e sua família.

Foi assim através da História. Foi assim quando um desses pigmeus abateu Lincoln, John Kennedy, Ghandi, Luther King, Robert Kennedy e até o próprio papa João Paulo II. Tem sido assim quando a fatalidade de abate sobre os Kennedy ou sobre outra família qualquer tradicional.

E o Brasil não é diferente. E nem poderia ser, se aqui, mesmo sendo um país gigante pela própria natureza, existem homens que só subsistem

graças à maldade exercida através dos pensamentos, dos atos, da villainia, da sordidez e da torpeza.

Ontem, quando cassaram Juscelino Kubitschek pelo "crime" de ter feito o Brasil crescer 50 anos em cinco, toda a Nação foi também cassada, todo um povo sofreu solidário com ele. Alguns, no entanto, como os "lacerdistas" de ontem se rejubilaram com a cassação de Juscelino, não porque tivessem medo, mas porque ele os suplantava em muito, em grandeza moral, em riqueza de espírito, em bondade, em simpatia, em humanidade, e, sobretudo, pelo fato de ter entrado na história de uma cidade e de uma Nação.

Hoje, os mesmos pigmeus despeitados, tentam alijar Márcia Kubitschek da vida política da cidade construída por seu pai, e onde ela própria viveu nos anos de incerteza, quando tudo era só poeira e Brasília era chamada jocosamente a cidade do "vai ser".

Por que tanta inveja? Tanta maldade, tanto despeito? Por que querem atingir novamente os Kubitschek, impedindo Márcia, a única da família que pode seguir a trajetória do pai, de ser, quarenta anos depois, constituinte como seu pai fora em 1946.

Esta minoria invejosa esquece que, enquanto Juscelino construiu Brasília, privava sua família de horas e horas,

noites e noites, dias e dias de sua presença. Tirava de suas filhas de sua família a presença amorosa e insubstituível de um pai, para dedicar-se de corpo e alma e com fé inquebrantável, à construção da cidade que, por ironia do destino, vinte e seis anos depois talvez não possa resgatar esta dívida elegendo uma Kubitschek, justamente sua filha, como sua representante.

Cassar Márcia, hoje, impedia de ser eleita deputada à Constituinte por Brasília e cassar a própria cidade naquilo que ela tem de mais legítimo, de mais autêntico, de mais nobre, que é a sua própria história.

Alijar os Kubitschek da história de Brasília, como se fossem estranhos no ninho, é transformar esta cidade na capital da vingança e dos oportunistas; ela, que na visão de JK, seria a Capital da Esperança e das oportunidades. Os pigmeus não abatem os gigantes, mas incomodam tanto que às vezes, repetindo Rui Barbosa, o homem, cansado de ver tanta intriga, tanta maledicência, tanta ingratidão, tanta inveja, despeito e mau caráter, sente vontade de desistir de tudo e de viver sua própria vida em seu próprio mundo. Faça o que quiserem com Márcia, mas não há como se falar, na posteridade, em Brasília, sem se falar nos Kubitschek. Deixem que o povo, em 15 de novembro, decida.